

Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Curso de Graduação em Terapia Ocupacional

Entre os sonhos possíveis e as vivências reais: projetos de vida de participantes de um Grupo de Mulheres em um Centro de Convivência na cidade de São Carlos - SP

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de bacharel em em terapia ocupacional

**Aluna:** Ana Livia Pedroso dos Santos

**Orientadora:** Livia Celegati Pan

**Coorientadora:** Marina Leandrini de Oliveira

São Carlos

2025

## RESUMO

**Introdução:** O termo *projeto de vida* tem sido amplamente discutido, especialmente junto ao contexto da educação e das juventudes, por se tratar de uma noção atrelada a essa fase da vida e recentemente amplamente incorporado como componente curricular na educação básica em diversos estados brasileiros. Compreendendo, contudo, que a construção de projetos perpassa toda a trajetória de vida dos sujeitos, no presente trabalho o termo se coloca como objeto de interesse para compreender os projetos de vida de mulheres adultas, diante dos atravessamentos de gênero e da vulnerabilidade social. Compreende-se que ao se transpor as possibilidades de criação, sustentação e concretização ao cenário das disparidades estruturais vivenciadas por mulheres no país, emergem questionamentos acerca das viabilizações de projetos de vida em histórias possivelmente marcadas por violências.

**Objetivo:** compreender a percepção de mulheres participantes do Grupo de Mulheres na unidade complementar ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Cidade Aracy em São Carlos (SP), sobre o que são projetos de vida e como os relacionam à vivência de gênero, na experiência de ser mulher, bem como a sua articulação à proteção/risco social. **Percorso Metodológico:** A proposta filia-se à pesquisa-ação, a qual pode ser concebida como método ou estratégia de pesquisa social que busca compreender o fenômeno e suas características para apoiar a formulação de respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas adequadas. Para produção das informações, foram realizados quatro encontros direcionados junto a um Grupo de Mulheres, localizado no bairro Jardim Zavaglia, na cidade de São Carlos - SP. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da terapia ocupacional social, foram realizadas Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos, registradas em áudio, fotografias e em diários de campo. O conjunto dos dados foi compilado e analisado tendo como base a criação de sínteses explicativas que pudessem ampliar a compreensão das relações dos projetos de vida com a vivência das mulheres colaboradoras do estudo. **Resultados:** A pesquisa permitiu compreender a relação entre a vivência de ser mulher e as dificuldades na concretização de projetos de vida. Fatores como a sobrecarga de responsabilidades domésticas e cuidados de terceiros, especialmente filhos, e a fragilidade das redes de suporte social limitam significativamente suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Por

outro lado, a conformação de um Grupo de Mulheres, mostrou-se potente para a construção de apoio mútuo e de fomento para projetos pessoais e coletivos.

**Considerações finais:** Os elementos apontados por esta pesquisa reforçam a importância da criação de espaços que apoiem o desenvolvimento de mulheres, promovendo o fortalecimento de vínculos sociais e a autonomia, com o objetivo de reduzir as disparidades sociais que enfrentam, com vistas à processos emancipatórios que possibilitem a ampliação de possibilidades de realização de projetos e sonhos.

**Palavras-Chave:** Mulheres, Estudos de Gênero, Terapia Ocupacional, Projetos de Vida.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA</b>	<b>6</b>
2.1	Construções sociais e as mulheres	6
2.2	Sonhos e necessidades: como a vida se projeta para mulheres em situação de vulnerabilidade?	8
<b>3</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>11</b>
3.1	Objetivos Gerais	11
3.2	Objetivos Específicos	11
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>11</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	<b>15</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>35</b>

## **1. Apresentação**

Meu nome é Ana Livia Pedroso dos Santos, tenho 23 anos e estou me tornando terapeuta ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos.

Em determinado momento da graduação, me deparei com a terapia ocupacional social (T.O. Social), e seus pressupostos, objetivos e formas de intervenção me encantaram. Concomitantemente a este encontro, refletia muito sobre qual seria o assunto do meu Trabalho de Conclusão de Curso e sobre qual vasto universo de possibilidades eu desbravaria.

Quando iniciei minha primeira experiência de estágio, tive o privilégio de atuar no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do bairro Cidade Aracy, na cidade de São Carlos - SP, na subárea de T.O Social, oferecido pelo METUIA/UFSCar, sob supervisão da profa. Marina Leandrini de Oliveira. Como unidade complementar ao CRAS, atuávamos no Centro de Convivência do Idoso (CCI), onde acontecia um Grupo de Mulheres. Foi nesse espaço que encontrei meu direcionamento ao perceber nas histórias de muitas participantes, a história da minha mãe, jovem e cheia de sonhos, sonhos que foram se dissipando em meio a sua própria trajetória à medida que avançava em sua jornada e que foram gradualmente substituídos pelas urgências da vida enquanto mulher, esposa e mãe.

Diante disso, surgiu o desejo de entender o porquê ser mulher parece, muitas vezes, um fator que dificulta a realização de sonhos e a concretização de projetos de vida. Por que tantas mulheres do meu convívio não conseguiram concluir aquilo que tanto sonhavam? O que as impediu de alcançar seus objetivos? Estaria a condição de mulher diretamente atrelada a esse insucesso?

Além disso, esta pesquisa é uma oportunidade de contribuir, ainda que modestamente, para o avanço da compreensão de como gênero feminino e seus papéis sociais interferem na concretização dos projetos de vida. Ao final deste trabalho, espero não apenas alcançar um bom resultado acadêmico, mas também compreender de maneira mais profunda a questão aqui apresentada e seu real impacto na sociedade.

## **2. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA**

### **2.1. Construções sociais e as mulheres**

A sociedade contemporânea é sócio culturalmente marcada por desigualdades de gênero e violências que reafirmam historicamente relações de poder e dominação sobre os corpos de mulheres. Segundo Donato (2016), estas relações de subjugação foram constituídas ao longo dos anos, sendo que alguns elementos estruturais da sociedade contribuíram fortemente para a conformação atual.

Registros antropológicos apontam que as primeiras sociedades humanas atribuíam à mulher um grande poder social. Esta perspectiva era evidenciada pela maternidade e por uma organização social em que a criação dos bebês e crianças se dava por uma vivência coletiva e não monogâmica. Não era associado o envolvimento dos homens na reprodução (o qual recaía sobre as mulheres) e o exercício de funções e papéis nas comunidades não tinham uma rígida divisão (Matos; Cortês, 2010).

A identificação sobre a contribuição do homem na reprodução, o estabelecimento de propriedades privadas e o exercício das funções na agricultura, foram considerados como peças-chaves na mudança da divisão sexual de ocupação tanto em âmbito público quanto privado. Estes fenômenos foram considerados fatores que promoveram o predomínio de relações monogâmicas e patriarcais, de modo a recair sobre a mulher atividades privadas como os cuidados com os filhos e afazeres domésticos (Matos; Cortês, 2010).

Desde a organização estabelecida nessas sociedades pré-modernas até o momento atual, identifica-se, com particularidades temporais e espaciais, um modelo patriarcal de organização e dominação das mulheres (FLEURY-TEIXEIRA, 2015, p.108). O patriarcado<sup>1</sup> pode ser compreendido como a centralidade do homem no sistema social produzindo processos de dominação e “autoridade sobre as mulheres,

---

<sup>1</sup> O uso do termo patriarcado é amplamente utilizado na literatura feminista e destacado no trabalho de Gerda Lerner, "A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres sobre os homens". Vale destacar que a terminologia também é problematizada por outras autoras a partir de argumentos, como: englobaria mais especificamente estruturas históricas que não são correspondentes aos dias atuais, não expressaria sistemas de (des)vantagens e (não) oportunidades que não esteja diretamente na relação entre homens e mulheres, entre outros (MIGUEL, 2014, p. 18). Na presente pesquisa, optou-se pela utilização do termo objetivando apontar um caráter unificador para as múltiplas facetas de dominação masculina, com bases em referências de Gerda Lerner, Carole Pateman, Silvia Federici e Heleieth Saffioti.

os filhos e os bens materiais e culturais” (Alves; Cavenaghi, 2000 apud Fleury-Teixeira, 2015, p. 110).

A estruturação de uma sociedade patriarcal, se desvela em diferentes dimensões sociais da vida, como por exemplo sobre as políticas públicas que no decorrer da história foram pautadas por homens brancos, heteronormativos, com elevada renda, grau de instrução e de inserção social, no qual as mulheres não estavam presentes (ou representadas) nas tomadas de decisões que as implicava diretamente como cidadãs. Destaca, por exemplo, o tardio exercício dos direitos políticos, sendo que somente em maio de 1933, durante as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, parte das mulheres brasileiras puderam exercer o direito ao voto.

Para Galetti (2014), o discurso masculino, ao longo dos séculos, inferioriza a mulher em relação ao homem, sendo que as diferenças biológicas foram muitas vezes usadas para estabelecer estas relações de subjugação. Neste sentido, a escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir, que produziu contribuições relevantes sobre a condição da mulher, escreveu que a mulher “foi engendrada na generalidade de seu corpo, não na singularidade de sua existência” (Beauvoir, 1967 p.267). Simone ao destacar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, questiona modelos patriarcais que reverberam nos modos de vida das mulheres na sociedade, de como devem se comportar, falar e vestir.

Desta forma, considera-se que o patriarcalismo vem forjando violências nos entrecruzamentos macrossociais e nos cotidianos pessoais. Compreender estas conformações estruturais apoiam uma leitura de sociedade que não apreende as situações de desigualdade e violência de gênero no âmbito privado, como problemáticas individuais ou atos isolados, e sim uma demanda histórica de ordem social (Saffiotti, 1999).

Ilustrando o cenário de desigualdades de gênero no Brasil, resgata-se a 2ª edição do estudo “Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil”, realizado pelo IBGE, o qual traça um panorama das disparidades no que tange às possibilidades de vida das mulheres e meninas no país.

Dentre as dimensões apresentadas, a inserção no mercado indica a dificuldade das mulheres de se inserirem no mundo do trabalho. Quando inseridas, o estudo aponta que as mulheres receberam 77,7% ou pouco mais de  $\frac{3}{4}$  do rendimento dos

homens em 2019, com diferenças significativas quando se considera a cor, raça/etnia e classe social (IBGE, 2021).

O afastamento das mulheres do mercado de trabalho se dá também pelo maior envolvimento no trabalho não remunerado, pois em 2019 as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas semanais contra 11,0 horas semanais) (IBGE, 2021).

Em 2021, a Plan International Brasil divulgou a continuação da pesquisa “Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências” realizada em 2014, com o objetivo de compreender a realidade de meninas brasileiras de 14 a 19 anos, conhecendo seus medos, sonhos, violências, barreiras sociais e de gênero. De acordo com a Plan, 69,4% delas julgam já terem tido seus direitos desrespeitados por serem meninas/mulheres, confirmando assim, a ideia de uma sociedade estruturada por modelos sociais que reforçam desigualdades de gênero e impedem o desenvolvimento das meninas (Plan, 2021).

Estes dados reforçam o gênero como um marcador social determinante, particularmente quando articulado aos marcadores da raça/etnia e classe. Nesse contexto, observa-se a complexidade de fatores implicados à vida de mulheres, na sociedade brasileira, exercendo um impacto direto em seus cotidianos e influenciando diretamente a construção e/ou concretização de seus projetos de vida.

## **2.2 Sonhos e necessidades: como a vida se projeta para mulheres em situação de vulnerabilidade?**

O termo *projeto de vida* tem sido amplamente discutido particularmente relacionado ao ensino público, especificamente por se tratar de um conceito que foi incorporado como componente curricular na Rede Pública Estadual de São Paulo para Ensino Fundamental e Médio, em 2020 (São Paulo, 2020).

Para o presente trabalho, compreende-se que essas concepções estarão próximas e atravessarão o debate, entretanto, localiza-se como objeto de interesse a compreensão sobre os projetos de vida de mulheres adultas, refletindo-se acerca dos movimentos possíveis para a construção de projetos, diante dos atravessamentos de gênero e da vulnerabilidade social.

São múltiplas as leituras acerca da definição de projetos de vida e foram identificadas contribuições relevantes na intersecção das férteis discussões do campo

da educação. Dayrell (2012), por exemplo, entende os projetos de vida como ação de escolher os rumos da vida, que são mutáveis e dinâmicos e dependem diretamente do campo de possibilidade, ou seja, das condições sociais, econômicas, políticas, culturais e históricas que atravessam a vida dos jovens.

Velho (2003) os identifica como resultados das implicações de toda uma trajetória de vida, a qual é influenciada pela condição social, valores, espaços e instituições que cercam o indivíduo em sua jornada. Damon et al. (2003) definiu que “projeto é uma intenção estável e generalizada de alcançar alguma coisa que seja significativa para o eu e que gere um compromisso produtivo para algum aspecto além do eu” (p. 121).

Oliveira (2015) evidencia que, com as mudanças no modelo de sociedade, os sujeitos puderam ter, ou deveriam ter, acesso a concepção de como construir ou melhor aproveitar seus planos de existência.

[...] o termo projeto de vida se configura como uma construção social que atende a uma necessidade circunscrita a um modelo de sociedade, em que os indivíduos podem ter acesso ou não a esta concepção de organização de suas existências (OLIVEIRA, 2015, p. 89).

Entendendo as complementaridades nas acepções apresentadas, destaca-se as elaborações de Farias (2021) em sua pesquisa junto a jovens rurais. De acordo com o autor, foram observadas distinções na elaboração dos projetos de vida, sendo que alguns podem se caracterizar como *projetos-necessidade*, abarcando as urgências cotidianas, como por exemplo, buscar por “trabalhos mais imediatos e menos reconhecidos (caixa de supermercado, empacotador, vendedora, etc.), para ajudar em casa, ter maior autonomia para acessar os bens sociais da região” (Farias, 2021, p. 210).

Outras formas de projetar a vida se relacionaram à *projetos-sonhos*, envolvendo intenções de médio e longo prazo e aspirações que transbordam a realidade dada, como acessar outros bens sociais, “conhecer outros países e culturas, mudar para outras cidades, ter profissões mais reconhecidas social e economicamente (médico, engenheiro, advogado, etc.) – que pressupõe uma circulação local, mas também mais global” (Farias, 2021, p.210).

Nesse contexto, a concretização dos projetos-necessidade torna-se fundamental, por serem elementos prévios que se relacionam, muitas vezes, à

superação dos desafios socioeconômicos mais urgentes para possibilitar o prosseguimento dos projetos-sonhos, os quais, podem permanecer como ideais distantes devido às dificuldades impostas em sua realização (Farias, 2021). O autor retoma Nosella (2004), utilizando análises de Gramsci, para relacionar os projetos de vida aos *reinos da necessidade e da liberdade*, no âmbito de uma sociedade de classes dicotomizada por violências estruturais. Isto posto, coloca-se a tarefa política de investir em possibilidades democráticas para que projetos (necessidade/sonho), assim como os reinos (necessidade/liberdade), sejam elaborados e vivenciados em articulação, não deixando os projetos-sonhos esvaírem pelas urgências impostas pelas desigualdades (Farias, 2021).

a vida em suas formas impõe necessidades para todos, de acordo com a estrutura e conjuntura, não podendo roubar as chances para formular e realizar os sonhos – que não sejam “hipotecados” pelas urgências que os limites da desigualdade impõem, que poderiam ser resolvidos política e socialmente (Farias, 2021, p. 210).

Ao se transpor as possibilidades de criação, sustentação e concretização dos projetos de vida, ao cenário das desigualdades estruturais vivenciadas por mulheres no país, emergem questionamentos acerca das viabilizações dos projetos sonhos ao longo da vida de pessoas que possuem os cotidianos atravessados por violências sociais, relacionais e pessoais.

No que se refere à população de mulheres jovens em situação de vulnerabilidade social, sabe-se que grande parte mantém suas relações de vinculação muito frágeis e a maioria ainda não trabalha no mercado formal. Para estas, recai sobre sua responsabilidade, os afazeres do lar na ausência dos pais e/ou responsáveis, o cuidado de irmãos, e possivelmente, de seus próprios filhos. Quando existe uma maior necessidade financeira familiar, frequentemente as meninas são inseridas no mercado informal como babá, empregada doméstica e muitas outras ocupações que se relacionam com os cuidados familiares e domésticos (Heilborn, 1997). Ainda, segundo Heilborn (1997), a lógica do gênero se dá como um limitador das oportunidades das meninas tanto na esfera do trabalho, quanto nas possibilidades de escolha de vida, principalmente neste recorte de vulnerabilidade social.

Com o ingresso na vida adulta, a sobrecarga social associada a essa fase pode intensificar o desafio de mulheres em elaborar e vivenciar projetos de vida, uma vez que as expectativas relacionadas ao “ser adulto”, atrelam-se, muitas vezes, às

responsabilidades de possuir e manusear ferramentas necessárias para transformar sonhos, mesmo que longínquos, em planos concretos (Oliveira, et al., 2018). Delineando o recorte dos contextos de vulnerabilidades e violações de direitos, compreende-se que projetos-sonhos na vida de mulheres, quando elaborados, podem ser cindidos ainda na infância ou juventude, e sem espaços para reconstruções ou recolocações, permanecem majoritariamente os projetos-necessidades, imersos nas ausências de apoios, esperanças ou sonhos futuros.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivos gerais**

Compreender a percepção das mulheres, participantes do Grupo de Mulheres que residem em um bairro periférico na cidade de São Carlos (SP), sobre o que são projetos de vida e como os relacionam à vivência de ser mulher.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- a) Identificar as características que compõem a construção de projetos de vida singulares/coletivos ou as ausências deles;
- b) Descrever as relações que as mulheres tecem entre os seus projetos de vida e vivência de gênero e os demais marcadores sociais;
- c) Analisar como os projetos e as vivências reais das mulheres se articulam a elementos potencialmente protetores e/ou de risco social.

### **4. Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza como método a pesquisa-ação (Thiollent, 1985; 2022) e se fundamenta teórico metodologicamente no materialismo histórico-dialético. As abordagens se mostram coerentes, por serem críticas à estruturação da produção de conhecimento hegemônica e por articularem conhecimentos científicos a transformações sociais amplas (Soares; Cordeiro; Campos, 2013). As contribuições do materialismo histórico se destacam para pesquisa uma vez que ao contemplar um objeto, considera sua historicidade, imersa

nos determinantes culturais, políticos econômicos e históricos, buscando a formulação de análises de elementos socialmente construídos (Gomide, 2012).

A pesquisa-ação pode ser concebida como método ou como estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social e consiste essencialmente em solucionar problemas sociais e técnicos, ou, ao menos, compreender melhor o fenômeno e suas características para apoiar a formulação de respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas adequadas (Thiollent, 1985; 2022).

Um dos principais aspectos da pesquisa-ação é a ampla interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação, que juntos definirão os caminhos da investigação, a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas (Thiollent, 1985). Assim, os participantes não são considerados como informantes, mas desempenham uma função interrogativa, questionando e buscando elucidar os assuntos investigados de forma coletiva (Thiollent, 2022).

Estratégias participativas de pesquisa, na busca conjunta de compreensão de fenômenos da vida cotidiana, são também compreendidos como possibilidades de realização de ações educativas, através da criação de processos reflexivos (Ferreira, Torres, 2017). Desta forma, compreende-se, também, que o desenho do estudo escolhido visa atender aos próprios objetivos da pesquisa.

A etapa exploratória, primeiro momento previsto no percurso, visou a aproximação com as mulheres moradoras do bairro Jardim Zavaglia e potenciais colaboradoras do estudo, o convite e apresentação da proposta do estudo. Inicialmente previa-se que a proposta do estudo fosse desenvolvida junto a um grupo de mulheres que, embora de forma inconstante, acontecia no Centro de Convivência do Idoso (CCI) desde 2022. O CCI, embora um equipamento social destinado à população idosa, por sua vinculação ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), em razão da amplitude do território de abrangência do CRAS da região, é utilizado, também, como um ponto de referência para o desenvolvimento de atividades comunitárias, particularmente na região do bairro Jardim Zavaglia. Foi nesse contexto que, em 2022, iniciou-se um grupo de mulheres como uma das propostas desenvolvidas pela equipe do núcleo UFSCar da Rede Metuia - Terapia Ocupacional Social junto ao CRAS da região Cidade Aracy. Por diversos motivos, notadamente a suspensão das atividades no período de férias acadêmicas da universidade, o projeto

acabou se dispersando. Como parte das estratégias para o desenvolvimento deste estudo, buscou-se recomeçar este grupo, com o objetivo de retomar as atividades. Tentamos entrar em contato com as antigas participantes, mas elas relataram que não conseguiriam mais se dedicar ao grupo, em sua maioria por terem começado a trabalhar em horários que coincidiam com aqueles que ocorriam os encontros. A partir disso, foi necessário buscar novos caminhos.

Com o objetivo de recompor um grupo de mulheres no bairro, a equipe<sup>2</sup> do METUIA/UFSCar buscou alternativas para a realização desse processo. A primeira estratégia foi divulgar o grupo na Organização Não Governamental (ONG) Nave Sal da Terra, localizada próxima ao CCI e importante instituição de referência no território por ofertar atividades educacionais para crianças no período de contraturno escolar, bem como algumas atividades direcionadas às mulheres, tais como ginástica. Observava um intenso fluxo de mulheres no território no período de encerramento de atividades da ONG. Neste momento, foi criado e impresso diversos folhetos de divulgação, além de um cartaz para deixar no local. Os materiais foram distribuídos pessoalmente, aproveitando o horário de saída da ONG para ter um contato direto com as mulheres e convidá-las a participar. No entanto, na semana seguinte, ao realizar o encontro no horário divulgado, ninguém apareceu.

A equipe continuou com as estratégias de divulgação, como colar cartazes pelo bairro, realização de posts nas redes sociais, articulação com o Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) da região e a distribuição de convites nas caixas de correio das casas e nos comércios locais. Ainda assim, sem retorno, já que nas semanas seguintes, a participação das mulheres continuava inexistente. Foi então que surgiu a ideia de organizar um mutirão de inscrições para o ENCCEJA<sup>3</sup>, já que o período de inscrições coincidiu com a ação. Foi planejada uma data, a iniciativa foi divulgada e no dia do mutirão, computadores foram levados para o local a fim de facilitar as inscrições, mas novamente ninguém apareceu. Em diversos momentos, surgia a reflexão sobre qual seria o motivo das mulheres não manifestarem interesse de participar das ações.

---

<sup>2</sup> Em relação às atividades desenvolvidas pelo METUIA/UFSCar no bairro Jardim Zavaglia, no período, a equipe foi composta por mim, profa. Lívia Celegati Pan, estudantes da disciplina de Prática Supervisionada em Terapia Ocupacional 6 (PSTO 6) e estudantes extensionistas.

<sup>3</sup> O Exame Nacional para Certificação de Jovens e Adultos é um exame de pessoas que não concluíram o ensino fundamental ou o ensino médio na idade adequada, no qual, a partir da aprovação, fornece a certificação da conclusão da etapa correspondente.

Porém, em uma das semanas, uma jovem apareceu no CCI, com sua filha no colo, perguntando sobre o grupo. Ela contou que, no mesmo local, em outros dias da semana, havia um outro grupo de mulheres e sugeriu a participação nessa outra atividade para fazer o convite àquelas participantes.

Por intermédio dessa jovem, entramos em contato com as responsáveis por esta outra atividade<sup>4</sup> e foi articulado um momento para nossa participação, no qual fomos recebidas de forma calorosa e que permitiu que fizéssemos o convite para que as participantes se juntassem às ações desenvolvidas pelo Metuia. O resultado de certa forma nos surpreendeu, pois no momento subsequente algumas mulheres começaram a aderir a proposta do grupo.

A partir desse momento, conseguimos uma participação média de cinco mulheres por encontro, e, pouco a pouco, uma relação de proximidade foi se construindo. Nos primeiros encontros foram realizadas atividades manuais com o objetivo de estreitar os laços, permitindo que as participantes nos conhecessem melhor, assim como também fosse possível conhecê-las. Esse processo foi essencial para que, posteriormente, fosse feito o convite para que participassem do estudo em questão.

A proposta de produção de informações se dá como uma estratégia participativa, e se ancora em uma das metodologias da terapia ocupacional social (Lopes et al., 2014), denominada Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos. As oficinas se caracterizaram como espaços reflexivos, nos quais atividades disparadoras foram utilizadas para estimular as participantes a refletirem sobre seus projetos de vida. Essas atividades visaram promover um debate profundo, não apenas sobre a identificação conceitual dos projetos, mas também sobre o resgate de processos singulares e coletivos, articulando as percepções da vivência de ser mulher e das vulnerabilidades enfrentadas. O uso de atividades disparadoras foi um elemento essencial na condução metodológica deste trabalho, pois permitiu que as participantes

---

<sup>4</sup> Trata-se de um projeto de criação de uma unidade de confecção de absorventes conduzida pelo Instituto Angelim. O Instituto Angelim é uma organização não-governamental sediada em São Carlos que, de acordo com a sua página eletrônica, propõe o desenvolvimento de projetos voltados para cinco dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas: erradicação da pobreza, saúde e bem-estar, educação de qualidade, igualdade de gênero e cidade e comunidades sustentáveis.

Na época, estava em desenvolvimento a primeira etapa do projeto, a saber, realização de oficinas sobre saúde íntima, sexual e reprodutiva da mulher. As etapas posteriores, até o momento de finalização desta pesquisa, aguardavam liberação de verba capitaneadas pelo Instituto Angelim para sua concretização.

se envolvessem ativamente nas discussões e refletissem de forma mais ampla sobre suas trajetórias e desafios.

Com inspiração no trabalho de Oliveira (2023), que desenvolveu uma pesquisa sobre a construção de projetos de vida de jovens meninas estudantes do ensino médio, foram realizados quatro encontros temáticos para produção dos dados da pesquisa, que trabalharam: o que é ser mulher, uso do tempo, redes sociais de suporte e projetos de vida.

Os registros das oficinas foram realizados semanalmente em diários de campo buscando contemplar elementos das esferas individuais e coletivas que emergiram durante os encontros. Como suporte para o registro das informações, os encontros foram gravados em áudio e registrados em imagens fotográficas.

O conteúdo produzido foi compilado e analisado tendo como base a criação de sínteses explicativas que possam ampliar a compreensão das relações dos projetos de vida com a vivência de ser mulher e a vulnerabilidade social. Categorizamos as informações oriundas dos diários de campo nos temas centrais trabalhados nos encontros, discutindo-os e analisando-os à luz dos referenciais teórico-metodológicos da terapia ocupacional social e de teorias feministas.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, respeitando as diretrizes e normas da Resolução 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, sendo aprovado de acordo com o parecer consubstanciado número 78527724.8.0000.5504.

## **5. Resultados e Discussões**

Foram realizados quatro encontros com realização de Oficinas de Atividades, Dinâmica e Projetos temáticas junto ao que nomeamos de Grupo de Mulheres, com encontros semanais, com duração média de 1h30min e 2h, com participação de cinco mulheres, com pequenas flutuações na participação devido às demandas pessoais de cada uma delas.

Salienta-se que a realização das referidas oficinas para produção dos dados se iniciou após a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e assinatura por todas as participantes que aceitaram em colaborar com o estudo.

Todas as participantes do grupo eram mães, com idades entre 22 e 74 anos, que já haviam sido ou ainda eram casadas. A seguir, faremos uma breve descrição de cada uma delas e, na sequência, proceder-se-á apresentação das oficinas realizadas e análise e discussão dos seus resultados.

A primeira participante é K., de 22 anos, casada e mãe de três filhos. No momento da pesquisa, ela trabalhava como dona de casa. Sua filha mais nova, no período com 10 meses, sempre a acompanhava nos encontros, o que mobilizava um revezamento das coordenadoras do grupo para cuidar da bebê, permitindo que K. pudesse participar plenamente dos encontros.

DE., de 38 anos, é casada e mãe de uma filha. Embora tenha feito diversos cursos ao longo da vida, não exercia atividades remuneradas relacionadas a eles. Ela também ajudava sua mãe com o negócio familiar, além de se dedicar às suas responsabilidades como dona de casa. Em algumas ocasiões, DE. levou sua filha, já adolescente, aos encontros.

M. tem 74 anos, foi casada duas vezes e atualmente está solteira. M. é mãe e avó, com um papel central na criação de sua neta, que mora com ela. Algumas vezes, a neta precisou acompanhá-la ao grupo. M. com muito esforço, se considera uma mulher independente, com muitas habilidades manuais que lhe permitem gerar uma renda extra mesmo estando aposentada.

E., com 42 anos, é casada, mãe de dois filhos e dona de casa. Se descreve sempre como uma “super mãe”, inclusive sua filha adolescente também participava ativamente das oficinas do grupo, o que tornava E., uma das participantes mais frequentes.

DA. de 48 anos, tem formação acadêmica, é professora com várias certificações e sempre trabalhou fora de casa. Precisou se afastar do trabalho para cuidar do marido que vivenciou uma depressão. Ela é mãe de três filhos e sua filha adolescente também compareceu as oficinas do grupo, mas de maneira pontual.

### ***Ser mulher***

Uma das abordagens tinha como objetivo incentivar as participantes a refletirem e compartilharem suas compreensões sobre o que significa ser mulher, a partir da experiência pessoal de cada uma. Esse aspecto estava atrelado ao objetivo

do estudo, considerando a hipótese de que a vivência de ser mulher influencia a construção de projetos de vida.

Para abordar esse tema, tomando a questão-reflexão "como você enxerga 'ser mulher'?", foram feitas perguntas disparadoras: "Você sente uma pressão social em relação ao seu corpo?", "Você acredita que esperam de você atitudes que, às vezes, você não deseja tomar?" e "Você sempre teve o desejo de ser mãe ou via a maternidade como parte do papel da mulher?". A partir dessas questões, propôs-se a construção coletiva de um mapa corporal, que é um instrumento ou método de pesquisa que utiliza como dados as narrativas pessoais, por meio do desenho do corpo em tamanho real, usando recursos gráficos como desenhos, pinturas, colagens, fotografias, recortes de revistas, jornais e papéis (Gastaldo et al., 2012). Essa ferramenta permite que as participantes se expressem por meio de escrita, pintura, recortes de revistas e outras formas simbólicas, utilizando os materiais disponibilizados. Durante o processo de criação do mapa corporal, as mulheres puderam dialogar entre si, compartilhar experiências pessoais e refletir sobre suas vivências.

Ao compartilhar experiências pessoais, as participantes revelaram aspectos importantes sobre a realidade feminina que viviam. Os primeiros pontos que chamaram atenção referem-se aos relatos em que foi possível observar uma associação imediata entre ser mulher e a responsabilidade de realizar as tarefas domésticas que, além de frequentemente desvalorizadas, não eram vistas por elas como algo que constitui um trabalho legítimo, como trazido nas seguintes falas de algumas participantes:

*E: "Lugar de mulher é na cozinha, quem nunca ouviu isso? A gente aprendia assim."*

*DE: "Mesmo cuidando de tudo parece que o trabalho doméstico não vale nada."*

*DE: "Às vezes eu queria que ficasse claro que não existo só para ser mãe, posso ser muitas outras coisas também."*

*E: "As mãos sempre cheias porque preciso cuidar e fazer tudo."*

Assim como traz Bruschini (2006), o trabalho doméstico por muito tempo foi ignorado nas análises sobre o trabalho, mas sempre possuiu relevância dentro da

divisão sexual do trabalho na sociedade capitalista ao revelar a interdependência entre o trabalho remunerado e o não remunerado. A perspectiva que articula as esferas da produção econômica e da reprodução permite compreender como as responsabilidades domésticas impactam a vida das mulheres, limitando seu desenvolvimento profissional, como exemplificado por todas as participantes, que acabaram por priorizar a esfera privada. Um exemplo claro disso é DA., que, apesar de sua formação acadêmica, se prontificou a interromper suas atividades profissionais para se dedicar integralmente ao marido adoecido, o que impactou suas perspectivas profissionais. Com carreiras interrompidas, salários mais baixos e empregos de menor qualificação, as mulheres frequentemente se veem forçadas a priorizar seu desenvolvimento pessoal na esfera privada (Bruschini, 2006, p. 8).

Esses aspectos são discutidos por Nancy Fraser (2020), que aponta uma injustiça de gênero, pois as mulheres são frequentemente obrigadas a abrir mão de seus sonhos para cumprir com as obrigações domésticas e familiares. A autora também destaca a desigualdade econômica presente nesse contexto, o que torna muitas mulheres dependentes financeiramente de seus maridos, expondo-as a abusos que podem ocorrer nessa dinâmica.

Federici (2019), destaca também que, historicamente, ao atrelar a mulher ao trabalho de reprodução social, produziu-se um processo de “domesticação” das mulheres, afastando-as da vida em sociedade e do âmbito do trabalho produtivo, sendo destinadas ao lar como forma de responsabilidade natural dessas mulheres. Ainda que contemporaneamente esse cenário tenha mudado significativamente com a inserção e ampliação da participação de mulheres no mercado de trabalho produtivo, as mulheres seguem sendo as maiores responsáveis pelas tarefas domésticas e o cuidado com crianças e idosos ou familiares adoecidos (Hochschild; Machung, 2012). Logo justifica-se que muitas mulheres acabem por deixar de lado seus projetos de vida para focar na vida familiar, onde muitas vezes não há uma rede de apoio que ofereça suporte para que o trabalho e/ou o estudo possam ser mantidos.

Segundo Hümmelgen (2022), o cuidado liga-se a reprodução social e as ideologias referentes aos quesitos relacionais e afetivos da vida de cada ser, neste caso, impactando diretamente na forma como as mulheres vivem o mundo, tratam-se e se sentem na sociedade.

Outro aspecto citado pelas participantes e relacionado por elas ao ser mulher é a obrigação de estar sempre bonita e a busca por um corpo de padrão inalcançável.

Ao mesmo tempo, essa imposição social conflita com o tempo disponível para si, uma vez que a maior parte das colaboradoras indicaram ter pouco ou nenhum tempo em suas vidas para preocuparem-se de fato com seus próprios cuidados.

A busca pela beleza cresceu em ritmo acelerado nas últimas décadas, com muitas mulheres procurando o corpo perfeito através de dietas e procedimentos estéticos buscando uma melhoria de autoestima, todavia, como disserta Wolf (2018), esse mito da beleza liga-se a questões políticas da era moderna e do mundo ocidental, enfatizando crenças e o domínio masculino acerca do corpo feminino, onde essas mulheres acreditam que este aspecto seja essencial para ser uma boa mulher e uma boa esposa.

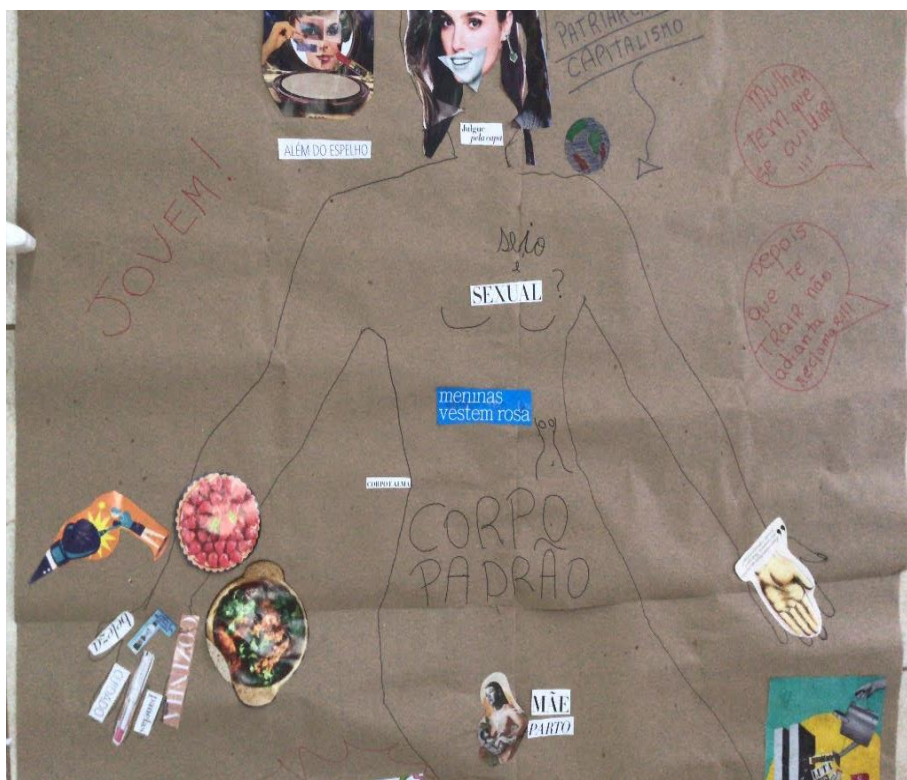
Como se pôde observar nos registros da Oficina realizada e de algumas falas das participantes transcritas abaixo, esse é um aspecto que atravessa a vivência feminina dessas mulheres:

*DE: “Enfiam a gente num padrão que nem tem como alcançar!”*

*DE: “Além de tudo, ainda preciso ser feminina, de salto e arrumada (risos).”*

Ao mesmo tempo é possível apreender uma certa crítica a essa pressão, de um lado por saberem ser um padrão inalcançável e, de outro, por terem outras prioridades ou obrigações no uso do tempo, como discutido brevemente acima e aprofundado a seguir.

**IMAGEM 1:**



**IMAGEM 2:**



Imagem 1 e 2: Mapa corporal construído pelas participantes.

## ***Uso do Tempo***

A segunda Oficina realizada teve como objetivo compreender a estrutura do cotidiano das participantes, permitindo investigar as atividades que compunham suas rotinas diárias, identificar quais eram consideradas prioritárias e entender como/se elas alocavam tempo para si mesmas. O intuito era observar o uso do tempo de forma mais detalhada, uma vez que diversas pesquisas no campo dos estudos da mulher têm indicado a grande sobrecarga de tarefas da mulher, quando comparadas aos homens, uma das principais problemática a ser lidada na busca pela promoção da igualdade de gênero (Fraser, 2020).

Para isso, foi proposta a construção coletiva de uma tabela semanal, que contemplava todos os dias da semana, de segunda a domingo, divididos em três períodos: manhã, tarde e noite. As participantes foram instruídas a colar triângulos previamente recortados nos dias e períodos correspondentes, com o objetivo de ilustrar as atividades realizadas em cada um desses momentos.

As categorias da atividade foram as seguintes:

- **EVA AZUL:** Cuidado com o outro – atividades dedicadas ao cuidado de terceiros, como cuidar de filhos e/ou netos (levá-los e buscá-los na escola, alimentar, trocar), atender aos pais e/ou parentes idosos ou com saúde debilitada, ou ainda cuidar do cônjuge.
- **EVA COLORIDO:** Tarefas domésticas – atividades voltadas para o cuidado do lar, como limpar a casa, lavar roupas, passar, cozinhar e manter a organização do ambiente doméstico.
- **PAPEL LAMINADO DOURADO:** Atividades voltadas ao autocuidado e ao desenvolvimento pessoal, como estudos (cursos profissionalizantes ou de formação inicial e continuada), aulas de línguas, ou qualquer outra atividade que as participantes considerassem relacionadas ao aprendizado ou ao cuidado pessoal.

**IMAGEM 3:**



Imagem 3: Tabela dividida por dias da semana e períodos dos dias.

Durante a dinâmica ficou evidente que o tempo e as atividades voltadas ao autocuidado (triângulo dourado) foram pouco registradas quando comparadas ao tempo direcionado aos cuidados domésticos (triângulo colorido) e cuidados com o outro (triângulo azul).

Chamou a atenção o fato de uma das participantes colocar triângulos dourados somente na sexta-feira, momento este em que disse “Ficar mais de boa” (M). Além disso, algumas relatam ter momentos de descanso apenas nos finais de semana, porém a grande maioria indicou necessitar cuidar dos filhos, da alimentação da família, do marido e da casa, tanto durante a semana quanto aos finais de semana, reduzindo o tempo para si mesmas, quesito este destacado por uma das mulheres com a afirmação “Não, eu nunca tô cuidando de nada pra mim” (E).

Ainda, como pode ser notado nos relatos fotográficos, o cuidado com o outro foi muito mencionado, sendo este referente ao cuidado com familiares, geralmente filhos, marido, netos, pais e irmãos. Uma das participantes (MA), relatou um costume de toda sexta-feira fazer um bolo, pão de queijo ou um pão caseiro para levar a alguém, mas refletiu que não recebe gestos como este. Outras destacam que precisam acordar cedo para preparar o café da manhã e almoço, ou seja, na maioria das vezes o cuidado com o próximo é prioridade.

Tais resultados ilustram o quanto os cotidianos dessas mulheres são construídos centralmente a partir das necessidades dos outros e não delas próprias. Nota-se que este é um fenômeno não apenas localizado neste grupo de mulheres; em 2019, as mulheres dedicaram quase o dobro de tempo em comparação aos homens, aos cuidados de outras pessoas e às tarefas domésticas (21,4 horas semanais contra 11,0 horas semanais). Mesmo para aquelas ativas no mercado de trabalho, o envolvimento mais intenso em atividades de cuidado e/ou responsabilidades domésticas afeta significativamente essa área de suas vidas, forçando-as a equilibrar a jornada dupla entre o trabalho remunerado e o não remunerado (IBGE, 2021).

Corroborando aquilo que foi apontado na construção coletiva do quadro do uso do tempo, alguns depoimentos das participantes, como pode ser observado abaixo, corroboram que grande parte do tempo das mulheres é realmente dedicado a cuidar do outro, da família e da casa:

*E: “Eu acho que o único horário que eu tenho pra mim é segunda à tarde, que eu venho no grupo”*

*M: “Eu não acordo no meu horário, mesmo aposentada preciso acordar cedo pra arrumar minha neta pra escola.”*

*D: “Tem dia que a única coisa que eu realmente faço por mim é tomar banho.”*

*MA: “Eu nunca tinha percebido que em 24 horas do dia, eu passava quase todo esse tempo limpando ou cuidando dos outros.” (MA. foi acompanhando M. nesse encontro, foi uma participante pontual e por isso não apresentamos maiores informações da mesma).*

Fraser (2020), elenca que este modo operante de vida, destaca a subordinação das mulheres a vida familiar com pouca ou nenhuma participação masculina ativa que possa “aliviar” as atividades exercidas pelas mulheres e permitindo que estas possam ter um tempo para si e para se cuidar. Para Guimarães (2024), discutindo a tarefa do cuidado e a sobrecarga das mulheres, o cuidar, elemento essencial da manutenção da vida coletiva, deveria permitir que a mulher também cuidasse de si própria, como forma de promover o seu reconhecimento e pertencimento social.

Em relação aos dados e resultados aqui apresentados, na medida em que parece haver uma análise crítica em relação ao uso dos seus tempos direcionados ao outro, é possível apreender como a construção social de gênero, tal como preconizado por Scott (1995), perpassada pelo poder masculino, que estabelece padrões de masculinidade e feminilidade, produzem um processo de subjetivação e internalização do que são tarefas obrigatórias da mulher, especialmente quando mães e esposas.

Assim fica claro que atividades voltadas para si mesmas são mínimas, justificando o porquê de atividades como o Grupo de Mulheres, acabarem sendo deixadas de lado; cuidar de maneira integral dos filhos e da casa demanda um tempo considerável das mulheres, deixando pouco espaço até mesmo para o descanso, quiçá para desejar ou investir em atividades de desejo próprio e voltadas para aquilo que poderiam constituir seus projetos pessoais ou de vida.

### ***Redes Sociais de Suporte***

A partir da compreensão de redes sociais de suporte como elementos que compõem as relações humanas, favorecendo com que as pessoas possam contar com diversos tipos de apoio, tendo a possibilidade de compartilhar os problemas e tentar encontrar soluções (Mângia & Muramoto, 2007) ou, ainda, representando “[...] a soma das relações que um indivíduo percebe como significativas ou diferenciadas da massa anônima da sociedade” (Ferro, 2015, p. 488) “[...] podendo ser compostas por amigos, familiares, auxílios religiosos, inserções ilegais, entre outros (Bardi; Malfitano, 2014, p.44), foi proposto que uma das Oficinas abordasse essa temática, buscando compreender as pessoas, serviços, recursos e locais que possivelmente fizessem parte de tais redes sociais de suporte das colaboradoras do estudo.

Guia essa proposição a hipótese de que as redes sociais de suporte, quando existentes e satisfatoriamente sólidas, contribuem de maneira eminente para a concretude dos projetos de vida – não apenas de mulheres, sejam as redes de cunho formal, representadas pela articulação entre serviços governamentais, organizações privadas ou grupos, por meio da promoção de ações sociais, rodas de conversas e atividades, ou informais, num conjunto de interações espontâneas (Bardi; Malfitano, 2014).

Soma-se a isso a premissa da terapia ocupacional social de atuação e intervenção no fortalecimento das redes sociais de suporte junto aos sujeitos com quais trabalho, como uma das possibilidades de enfrentamento das situações de vulnerabilidade social vivenciadas. Esse processo envolve o reconhecimento e o fortalecimento das redes de apoio disponíveis, assim como o fomento e articulação de processos para criação de novos pontos a compor essas redes (Almeida et al., 2012).

Para abordar esse tema, foi proposto a construção de um mapeamento visual das suas redes sociais de suporte, com o intuito representar de forma gráfica os pontos de apoio e os sistemas de suporte presentes na vida de cada participante. Através de um diagrama simples, buscamos facilitar a visualização das conexões e das relações entre o indivíduo e seus apoios, promovendo uma compreensão mais clara e objetiva.

As participantes foram orientadas a identificar as pessoas, grupos e serviços que elas consideravam como suas redes de apoio. Após a distribuição das folhas, canetas e lápis, a sugestão era para que colocassem seus nomes no centro do diagrama e representassem os recursos ao redor com círculos. Elas, então, utilizaram linhas ou setas para conectar-se aos elementos da rede, variando o estilo e a cor para indicar a natureza das relações. Além disso, foram responsáveis por destacar a qualidade e intensidade dessas conexões, evidenciando pontos de apoio e lacunas na rede, com setas mais fortes, pontilhadas ou direcionadas em um único sentido, simbolizando a colaboração unilateral.

#### IMAGEM 4:

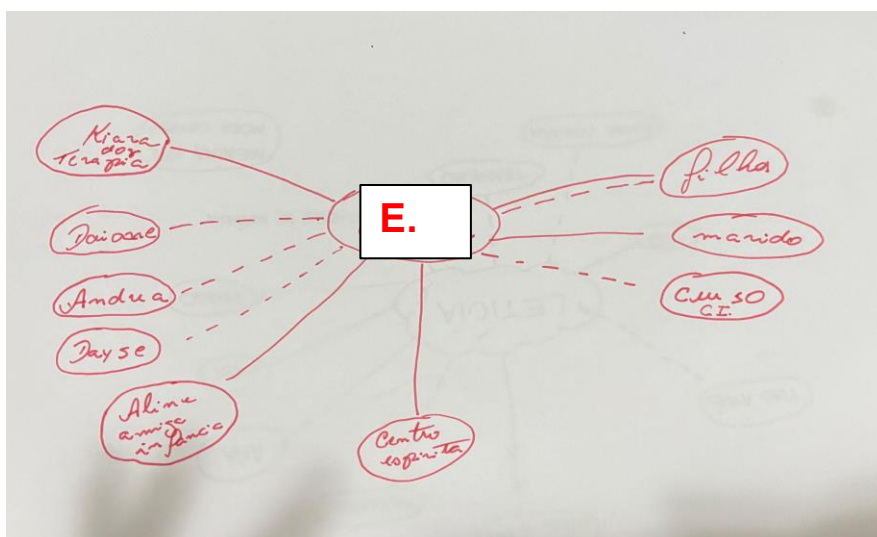


IMAGEM 5:

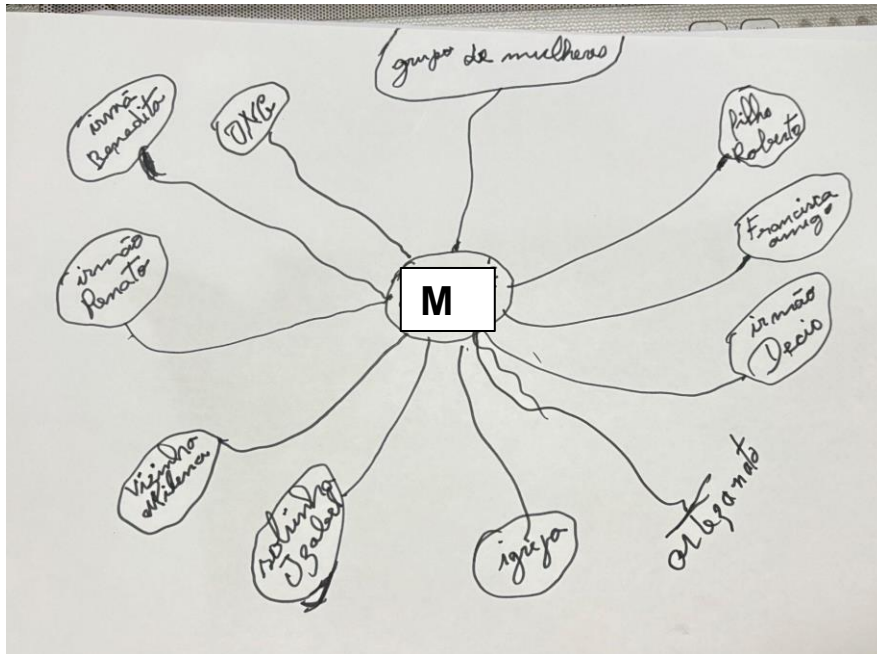


IMAGEM 6:

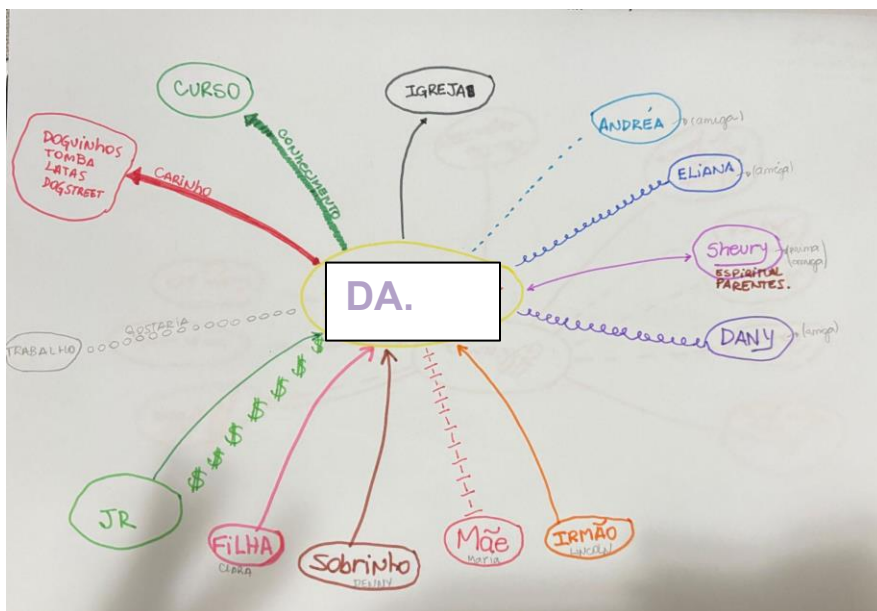


Imagem 4, 5 e 6: Mapeamento visual construído pelas participantes. Edição necessária para não expor o nome das participantes.

Durante o processo desta atividade, assim como no compartilhamento por cada uma das participantes dos produtos gerados, apesar de os desenhos indicarem a composição de redes relativamente amplas, alguns depoimentos revelaram que parte das colaboradoras se sentem sozinhas ou sentem que mais se constituem como apoio a outras pessoas do que o recebem, ou então não solicitam ajuda quando necessário, demonstrando certa fragilização de suas redes, conforme exemplos:

*E: “Às vezes eu sinto que sou rede para todos e ninguém é realmente a minha”*

*E: “Às vezes mesmo precisando não peço ajuda para não atrapalhar ninguém.”*

Ainda, o relato de uma das participantes foi emblemático por revelar a visão em torno dos serviços territoriais. M. relatou não receber apoio nenhum do filho, mesmo cuidando de sua neta, filha do mesmo, e que com isso, em razão da precariedade financeira, acaba por recorrer a auxílios de uma das ONG do território que oferta cestas básicas e verduras ao longo do mês. Ao ser questionada sobre procurar o CRAS para verificar se teria direito a algum benefício, M. relatou já ter procurado, mas que não teve interesse em voltar, pois, de acordo com ela “parece que estou pedindo esmola”. Esta visão foi corroborada pelas outras participantes da Oficina naquele dia e evidenciam o senso comum ainda presente em nossa sociedade em torno da assistência social atrelada à caridade e não instituída como um direito social.

Por outro lado, e contraditoriamente, uma vez que as atividades desenvolvidas neste estudo e no âmbito do projeto de extensão estavam vinculadas ao CRAS, as participantes indicaram que o Grupo de Mulheres se constitui como um espaço importante de troca, construção e consolidação de relações e de apoio mútuo:

*M: “Grupos como esse, onde eu conheci e me aproximei de muitas mulheres.”*

*DE: “Como mulher eu vejo que a gente se ajuda.”*

Exemplifica, também, a construção dessas relações quando algumas participantes, ao levarem filhos e netos para os encontros, foram acolhidas com afeto pelas demais mulheres e essa recepção não apenas fortaleceu os laços entre elas naquele espaço-tempo das Oficinas, mas pôde extrapolar para a vida cotidiano e territorial, como observado na continuidade das atividades do Grupo através do projeto de extensão e os relatos das participantes sobre as ajudas ofertadas umas às outras

em momento de necessidade ou os encontros que eventualmente passaram a acontecer, seja para troca de mudas de plantas, empréstimos de materiais e festas de aniversário e confraternização.

Assim, ainda que os resultados produzidos através da Oficina indiquem que as participantes tinham uma rede de suporte social fragilizada, centralizada em familiares mais próximos e instituições religiosas, a prática terapêutico-ocupacional produzida indique possibilidades de intervenções que fortaleçam as redes existentes ou criem novas, como vem sendo defendido e proposto pela terapia ocupacional social. Vale ressaltar que nenhuma das participantes tinham relações de amizade ou proximidade entre si.

Soma-se a isso aspectos já indicados anteriormente, particularmente em relação ao uso do tempo; na medida em que as mulheres indicaram que a maior parte do tempo dos seus cotidianos está dedicados aos cuidados do lar e da família, refletiu-se que isso acaba por limitar, também, o tempo disponível para investimento em outras relações. Conforme relato das participantes, o Grupo de Mulheres se constituiu como um espaço de respiro: além de proporcionar um tempo para si, também ampliou as redes relacionais, criando oportunidades para a construção de laços de apoio mútuo. Nesse contexto, a potencialidade da sororidade se destaca, pois as mulheres puderam não apenas compartilhar experiências, mas também desenvolver um senso de solidariedade e cooperação, elementos fundamentais para o fortalecimento das relações entre elas.

### ***Projetos de vida***

Por fim, esta oficina foi especificamente dedicada à temática central deste trabalho: os projetos de vida das mulheres. Esta oficina teve como objetivo investigar como as participantes compreendem e se relacionam com o conceito de 'projeto de vida', refletindo sobre como suas experiências pessoais e contextos sociais influenciam a construção e concretização desses projetos. Iniciamos a dinâmica com a pergunta disparadora: 'O que vocês entendem por 'Projeto de Vida'?' Inicialmente, todas as participantes associaram o conceito aos projetos de vida de suas filhas, destacando como isso se reflete em suas próprias vidas. Em geral, o conceito de 'projeto de vida' é frequentemente associado às juventudes, com a compreensão de que é nesse período da vida que se definem os projetos que serão perseguidos ao

longo da trajetória (Leão; Dayrell; Reis, 2011). No entanto, no contexto das mulheres participantes, essa definição de 'projeto de vida' é muitas vezes sobreposta pela responsabilidade de cuidar dos filhos, que se impõe como uma prioridade. Esse fenômeno reforça, assim, a marca do gênero, uma vez que as mulheres tendem a colocar as necessidades de suas famílias à frente das suas próprias, limitando suas possibilidades de construção e concretização de projetos pessoais e profissionais. A centralidade dos filhos nos projetos de vida das mulheres evidencia como as normas de gênero moldam suas decisões e trajetórias, muitas vezes restringindo o espaço para o desenvolvimento individual.

Assim, o grupo foi provocado com a questão: 'Vocês acreditam que é preciso ser jovem para ter um projeto de vida?' Nesse momento, as participantes foram citando alguns desejos e o estudo se destacou como o principal projeto de vida, com ênfase na continuidade dos estudos, especialmente na faculdade ou em cursos profissionalizantes. A partir disso, então, propôs-se a reflexão de quais eram esses e outros projetos de vida das participantes e construiu-se uma "árvore dos sonhos", onde cada participante escreveu na folha verde entregue, aquilo que considerava como um projeto de vida, como mostra a imagem:

#### **IMAGEM 7:**



Imagem 7: 'Árvore dos projetos' construída coletivamente pelas participantes.

"Ver minha família realizada"

"Viajar- conhecer lugares diferentes"

“Terminar minha pós graduação”

“Ter um projeto”.

Esses são alguns dos projetos inseridos na árvore.

Identifica-se que muitas das respostas das participantes trazem fatos realmente pessoais acerca dos projetos de vida. Este aspecto pode então ser dividido e comparado entre os projetos sonhos e os projetos necessidades. O primeiro é visto quando as respostas das participantes trazem aspectos como a vontade de viajar, estudar e ter liberdade financeira como projetos de vida, podendo ser realocados para sonhos que ainda almejam, afinal devido as condições impostas pela vida, muitas necessitaram adiar esses projetos. Por outro lado, os projetos como cuidar dos filhos, da família e conseqüentemente mais do outro do que de si própria, podem ser considerados projetos necessários, onde uma gravidez ou o casamento acabam por impactar e reafirmar essas necessidades. Isto posto, Moraes *et al.* (2019), analisa que um projeto de vida está ligado não somente ao pessoal, mas sim a todas as áreas da vida. Contudo, conforme a vida se passa, sonhos podem ser adiados, fato que se torna perceptível nos registros do encontro, no qual todas as mulheres relataram que a gravidez e/o casamento foram cruciais para o adiamento dos projetos de vida.

Por conseguinte, os projetos de vida atualmente, de acordo com o que foi observado na oficina, não são os mesmo de 10, 15 ou 50 anos atrás, o que faz jus aos momentos vividos por cada participante durante a vida, onde a preferência por cuidar dos filhos e da família torna-se o principal projeto a ser realizado e vivido intensamente. Contudo, este quesito tende a se modificar ao longo dos tempos, com a intenção da independência financeira de cada indivíduo, a vontade pelo acesso ao estudo e a melhores empregos, assim é plausível que os projetos de vida se modifiquem e os sonhos antigos voltem a fazer parte do futuro delas (Leccardi, 2005).

Velho (1999), disserta que este cenário revela as transformações da sociedade ao longo dos anos, onde antigamente os projetos de vida femininos eram totalmente condicionados pelo gênero e pelas desigualdades estruturais, sendo moldados de acordo com os homens. M. a participante mais velha do grupo, com 72 anos, relata um pouco disso ao contar a sua história e os caminhos que precisou trilhar para caminhar na direção do que gostaria:

*M: “Meu pai sempre falou que mulher não precisava estudar porque o certo era que ela dependesse do marido, assim que era família!... eu sempre quis ser livre, do meu pai principalmente, e por isso eu fiquei num casamento...”*

Oliveira e Pan (2023), discutindo sobre projetos de vida de jovens meninas, refletem que muitas vezes a família e a sociedade tendem a exigir que as mulheres sigam um caminho pré-estabelecido entre namorar, casar e ter filhos, com a justificativa que somente assim seus projetos de vida seriam realizados e a felicidade seria de fato atingida, com isso, o investimento em uma carreira e a possibilidade de continuidade dos estudos parecem afastados, com a justificativa de que podem ser um problema futuro para uma vida como uma boa mulher, que precisa estar sempre disponível para seu marido e filhos.

Corroborando com o referido estudo, o relato de M. demonstra como a pressão social para constituir uma família e ter filhos se reflete diretamente na vida das mulheres, muitas vezes interrompendo ou adiando outros projetos pessoais. Embora uma das participantes alegue não sentir arrependimentos por ter se abster de seus próprios projetos, fica evidente que as implicações sociais, muitas vezes reforçadas pelos homens e pela sociedade em geral, impactam fortemente as escolhas das mulheres.

Como fica exemplificado no depoimento de E.:

*E: “Eu precisei trancar o curso técnico que estava cursando para ter meu filho e não pude voltar porque eu queria realmente criar meus filhos, ver crescer, acompanhar de perto, então abri mão de uma possível carreira, mas não me arrependo.”*

Este relato de E. ilustra claramente como a urgência da maternidade reconfigura os projetos de vida das mulheres, muitas vezes em detrimento de outras possibilidades profissionais e pessoais, afinal a responsabilidade familiar tornou-se iminente em sua vida.

Vale mencionar que os projetos de vida estão diretamente relacionados à discussão sobre autonomia e emancipação feminina, que são temas centrais nas lutas feministas. Como afirma Corrêa (2019), a família é a instituição central na vida das mulheres, o que muitas vezes leva essas mulheres a optarem por priorizar o cuidado

com os filhos e maridos. No entanto, essa decisão não deve ser entendida como uma regra obrigatória, onde elas precisem abdicar de suas próprias vidas e projetos caso não o desejem. A autonomia feminina, dentro desse contexto, refere-se à capacidade das mulheres de tomar decisões sobre suas próprias vidas e de construir seus próprios projetos, livres das imposições sociais que historicamente restringem suas opções.

Em relação à emancipação feminina (Beauvoir, 1964), essa busca por igualdade e liberdade se reflete no movimento de empoderamento, que visa diminuir a desigualdade entre homens e mulheres. Contudo, como observa Beauvoir e outros estudiosos, nem sempre esse empoderamento se concretiza na prática social, uma vez que as estruturas de poder e as normas patriarcais continuam a moldar as oportunidades e a autonomia das mulheres, dificultando a plena realização de seus projetos de vida.

Ainda, a autonomia feminina acaba sendo colocada a prova para essas pessoas, onde elas buscam mostrar a sociedade que podem, como qualquer outra pessoa trabalhar, estudar e criar seus filhos, desempenhando todas essas atividades de forma concisa.

## **6. Considerações finais**

A partir dos resultados dos pontos analisados na pesquisa, foi possível observar que mulheres adultas, ao serem questionadas sobre seus projetos de vida, revelam dificuldades em estabelecer planos ao menos estruturados. Em muitos casos, isso pode ser atribuído ao fato de que seu tempo é amplamente dedicado aos outros, especialmente aos filhos, e as tarefas domésticas, com pouca ou nenhuma oportunidade para se dedicarem a si mesmas. As redes de suporte dessas mulheres, muitas vezes, são frágeis e refletem um contexto marcado pela desigualdade de gênero, pelas violências e imposições patriarcais, que restringem suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

Durante as atividades realizadas, as mulheres mostraram que, apesar dessas dificuldades, o Grupo de Mulheres funcionou como um potente expensor de relações, ao promover o fortalecimento de vínculos e o estreitamento das relações, funcionando como um momento de suspensão do cotidiano, ainda que parcialmente, onde as

participantes puderam compartilhar experiências e apoiar umas às outras, assim como refletir sobre as suas trajetórias singulares e coletivas e revisitarem seus desejos. O grupo se mostrou muito potente, ao se tornar um local de acolhimento e troca, essencial para a construção de um senso de pertencimento e autonomia entre as participantes.

Por conseguinte, ressalta-se a pertinência do fomento a esses grupos no contexto da assistência social. Sabe-se que a assistência social vem passando por um processo cada vez maior de desinvestimento, o qual acarreta em uma escassez de profissionais para atender à demanda crescente, em um cenário de crescimento também da pobreza e da desigualdade social, fato que resulta em uma sobrecarga dos serviços, inviabilizando a proposição de grupos. Porém, acredita-se que os resultados aqui apresentados corroboram a importância dessas ações coletivas e a necessidade de maior investimento, especialmente em recursos humanos, no âmbito da assistência social, para sua viabilização.

Embora as participantes reconheçam a importância desse espaço para si mesmas, também apresentamos nos dados do presente estudo a dificuldade para atrair mulheres para participar. Isso se dá pelo fato de que elas se sentem sobrecarregadas, já que, ao se dedicarem ao grupo, precisam abrir mão de outras responsabilidades, como as tarefas domésticas, que acabam se acumulando, gerando nas mesmas, um sentimento de culpa. Além disso, como relatado durante os encontros, ao chegarem em suas casas, o que as espera, muitas vezes, são tarefas pendentes em casa e o peso de suas obrigações cotidianas.

Além disso, observa-se que muitas dessas mulheres possuem um repertório limitado, com suas atenções e interesses quase exclusivamente voltados para os filhos e para as responsabilidades familiares. Essa realidade dificulta a construção de um projeto de vida mais amplo, pois elas não têm acesso a informações ou oportunidades que ampliem seus horizontes, deixando seu repertório social e cultural restrito ao ambiente doméstico, o que limita suas perspectivas de futuro.

Diante de tais condições, surge a reflexão sobre ser realmente possível, para uma mulher adulta, construir ou reconstruir um projeto de vida. A resposta parece depender da possibilidade de acesso a espaços de convivência, como o CCI, como aqui foi o caso, que possibilite o fortalecimento de vínculos, o desenvolvimento de novas habilidades e a ampliação do repertório de vida.

Dessa forma, para que isso aconteça de maneira efetiva, é essencial que as políticas públicas do SUAS contem com mais profissionais qualificados, capazes de atender a essa demanda crescente e proporcionar momentos que fomentem a autonomia e a emancipação, em alinhamento às necessidades dessas mulheres. Logo, é fundamental que as Políticas Públicas contem com maior investimento em profissionais qualificados e na criação de espaços mais acolhedores e acessíveis, o que inclui ações da terapia ocupacional como estratégia eficaz no fortalecimento da autonomia, fomento a processos emancipatórios e no fortalecimento das redes de apoio, proporcionando momentos de reflexão e ação que favorecem o protagonismo dessas mulheres. Como indicado na literatura da área e utilizada como abordagem teórica e metodológica neste trabalho, reforça-se a relevância da terapia ocupacional social nessa direção.

Ainda assim, os desafios são muitos. A demanda por serviços de Assistência Social é crescente, mas a falta de um olhar atento a este fato impede que mulheres como as participantes da pesquisa, recebam o acolhimento necessário.

Por fim, a pesquisa evidenciou a urgência de mais estudos e produções que considerem o protagonismo dessas mulheres, valorizando suas percepções e experiências. Isso é fundamental para a criação de ações mais direcionadas ao fortalecimento de sua autonomia, ao desenvolvimento de suas capacidades e ao reconhecimento de seu direito a um projeto de vida mais pleno e estruturado.

Acredita-se que este trabalho tenha contribuído para a ampliação da compreensão sobre a realidade das mulheres adultas em contextos de vulnerabilidade social, destacando a importância de espaços de apoio e convivência e fortalecimento das redes de apoio. Além disso, aponta a necessidade urgente de ampliar o suporte social e institucional, para que essas mulheres possam, de fato, reconstruir seus projetos de vida e conquistar maior autonomia. No entanto, é importante destacar que a autonomia deve estar sempre acompanhada da luta e do fomento à emancipação, pois ambas são indissociáveis quando se trata de garantir um espaço de igualdade e liberdade para as mulheres. Nesse sentido, é fundamental que essas mulheres se insiram ativamente no processo de transformação social, promovendo a emancipação e a equidade de gênero.

## 7. Referências

- ALMEIDA, M. C. et al. **Processos e práticas de formalização da Terapia Ocupacional na Assistência Social: alguns marcos e desafios**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 33-41, 2012.
- BARROS, D. D.; CHAGAS, J. N. M. (Orgs.). **Terapia Ocupacional: atuação na assistência social e no desenvolvimento socioambiental, socioeconômico e cultural**. Fortaleza: ABRATO, 2011.
- BARROS, M. M. L., Densidade da Memória, Trajetória e Projeto de Vida. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 140, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão européia do livro, v. 2, 1967. p. 267.1964.
- BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. **Resolução CNAS nº 17**, de 20/06/2011.
- BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado**. R. bras. est. Pop., v. 23, n. 2, p. 331-353. 2006.
- CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. **Atividades Humanas e Terapia Ocupacional**. In: DE CARLO, M. M. R.; BARTALOTTI, C. C. (Orgs.) *Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e Perspectivas*. São Paulo: Plexus Editora, 2001. p. 41-59.
- CEZAR, M. M. **Projeto de vida: um retrato da mulher no campo**. 2014. 68f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- COFFITO. **Resolução Nº. 406/2011** – Disciplina a Especialidade Profissional Terapia Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências”. Disponível em: < [www.coffito.gov.br](http://www.coffito.gov.br) >. Acesso em: 12/07/2023.
- CORDEIRO, L., SOARES, C.B., CAMPOS, C. M. S. Pesquisa ação na perspectiva da saúde coletiva: relato de experiência da formação de Agentes Comunitários da Saúde para o enfrentamento do consumo prejudicial de drogas. **Saúde Transf Soc.** 2013;4(2):106-16.
- DAMON, W., MENON, J., & BRONK, K. C. (2003). **O desenvolvimento do propósito durante a adolescência**. *Ciência Aplicada ao Desenvolvimento*, 7(3), 119–128. [https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0703\\_2](https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0703_2)

DAYRELL, J. **Pedagogia da juventude**. Site Ordem jovem. 2012. Disponível em: <[http://aic.org.br/wp-content/uploads/2013/11/por-uma-pedagogia-da-juventude\\_juarezdayrell.pdf](http://aic.org.br/wp-content/uploads/2013/11/por-uma-pedagogia-da-juventude_juarezdayrell.pdf)>.

DONATO, C. R. **Proteção, Promoção e Reparação dos direitos das mulheres**. Magnólia Comunicação, 2016.

FARIAS, M. N. **Jovens rurais de São Carlos - SP: circulação cotidiana, projetos de vida e os sentidos da escola**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**. Boitempo Editorial, 2019.

FERREIRA, P. C. **História e projeto de vida da mulher nordestina em São Paulo: uma análise do sentido emancipatório baseada no sintagma identidade-metamorfose-emancipação**. 2015. 157f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

FERREIRA, S. S.; TORRES, A. S. Participação como foco de aprendizagem na educação permanente no Sistema Único de Assistência Social. **Serviço Social em Revista**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 215–232, 2018.

FERRO, L. F. (2015). Grupo de convivência em saúde mental: intersectorialidade e trabalho em rede. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 23(3), 485-498.

FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth. Dominação Patriarcal. In: FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth (Org.); MENEGHEL, Stela N. **Dicionário Feminino da Infância - Acolhimento e Diagnóstico de Mulheres em Situação de Violência**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015.p.108-111.

FRASER, N. **Fortunes of feminism: From state-managed capitalism to neoliberal crisis**. Verso Books, 2020.

GALETTI, Camila Carolina H. **Feminismo em movimento: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo**. Anais do 18º Encontro da REDOR. Recife: UFRPE, 2014.

GASTALDO, D.; CARRASCO, C.; MAGALHÃES, L.; DAVY, C. **Body-map storytelling as research: methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping**. *Migration Health*, 2012.

GUIMARÃES, N. A. A “crise do cuidado” e os cuidados na crise: refletindo a partir da experiência brasileira. **Sociologia & Antropologia**, v. 14, p. e230050, 2024.

HEILBORN, M. L. O Traçado da Vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In MADEIRA, F. (org). **Quem mandou nascer mulher? – estudos**

**sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil.** UNICEF. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997, p. 291-342.

HOCHSCHILD, Arlie Russell; MACHUNG, Anne. **O segundo turno: a duplicação das tarefas da mulher.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HÜMMELGEN, I. Políticas neoliberais de Damares Alves: uma análise a partir da teoria da reprodução social. **Cadernos Cemarx**, v. 16, p. e022006-e022006, 2022.

IBGE. **Estatísticas de Gênero:** indicadores sociais das mulheres no Brasil - 2ª edição. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.38, 2ªed, 2021.

KIELHOFNER, G. A model of human occupation: Theory and application. **Lipponcott Williams & Wilkins**, 2002.

LEÃO, G; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. **Juventude, projetos de vida e ensino médio.** *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, p. 89-102, 2011.

LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo social**, v. 17, p. 35-57, 2005.

LOPES, R. E.; SILVA, C. R. **O campo da educação e demandas para a terapia ocupacional no Brasil.** *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v.18, n. 3, p. 158-164, set./dez. 2007. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v18i3p158-164>.

LOPES, Roseli E.; MALFITANO, Ana P. S.; SILVA, Carla R.; BORBA, Patrícia L. O.

LOPES, R. E.; SOUZA, L. B. Memória e Ação Territorial: da história do Jardim Gonzaga às bases de intervenção em Terapia Ocupacional Social. **Relatório final de Iniciação Científica.** Universidade Federal de São Carlos, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2010.

MÂNGIA, E. F., & MURAMOTO, M. (2007). Redes sociais e construção de projetos terapêuticos: um estudo em serviço substitutivo em saúde mental. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 18(2), 54-62.

MATOS, M.; CORTÊS, I. R. (Eds.). **Mais mulheres no poder:** contribuição à Formação Política das Mulheres. Secretaria de Políticas para as Mulheres, Presidência da República, 2010.

MORAES, M. A. et al. Projetos de vida, um conceito em construção. **Revista de Ciências Humanas**, v. 20, n. 02, p. 145-165, 2019.

OLIVEIRA, A. A. M. **Na terra da luz: o sol nasce para todos, mas a sombra é para poucos.** Projetos de vida e campo de possibilidades de jovens das classes populares.

2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

OLIVEIRA, F. M. M. et al., **Projeto de vida**: uma experiência de mulheres em situação de vulnerabilidade social. XX Redor – Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero, 2018.

OLIVEIRA, M. T. **Projetar a vida sendo menina**: contribuições da Terapia Ocupacional Social. 2023. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

OLIVEIRA, M. T.; PAN, L. C. Projetar a vida sendo menina: contribuições da terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, p. e3562, 2023.

PESSAN. PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil** [livro eletrônico]: II VIGISAN : relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. -- São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert : Rede PENSSAN, 2022.

PLAN INTERNATIONAL. **Por ser menina no Brasil** (Resumo executivo). Disponível em: <https://plan.org.br/estudos/resumo-executivo-pesquisa-por-ser-menina-no-brasil/>. Acesso em: 12 jul 2023.

Recursos e tecnologias em terapia ocupacional social: ações com jovens pobres na cidade. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 591-602, 2014.

SAFFIOTI, H. I. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo em perspectiva, 13, 1999, p. 82-91.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Diretrizes Curriculares Projeto de Vida**. Inova Educação. 2020.

SOUZA, M.A.M.; ALVES, M. Z. Projetos de vida, um conceito em construção. Rev. **Ciências Humanas**. Maio/Agosto, 2019.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.-dez, 1995.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa ação*. Editora Cortez: São Paulo, 1985.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa ação* [livro eletrônico]. Editora Cortez: São Paulo, 2022.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Há 80 anos mulheres conquistaram o direito de votar e ser votadas**. Secretaria de Comunicação e Multimídia, 2013.

WILCOCK, A.; HOCKING, C. **An occupational perspective of health**. Taylor & Francis, 2024.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Editora Record, 2018.